

A Viagem como Experiência Literária e Humana: Identidade, Alteridade e Escrita

Prfe. Meryem Belcadi

Faculté des lettres et des sciences humaines, Rabat.

Resumo

O presente artigo apresenta uma reflexão teórica sobre a relação entre viagem e literatura, destacando a evolução histórica da narrativa de viagens e a sua importância enquanto forma de representação cultural, histórica e humana. Desde os relatos medievais de peregrinações e descobertas marítimas até às narrativas contemporâneas, a viagem surge como uma experiência de conhecimento do mundo e de autodescoberta. O estudo aborda os diferentes sentidos do conceito de viagem — enquanto palavra, atividade e prática literária — e evidencia a sua ligação à construção da identidade e da alteridade. A reflexão centra-se igualmente na problemática da classificação da literatura de viagens como género ou subgénero literário, salientando o seu carácter interdisciplinar e multifacetado. Por fim, demonstra-se que a escrita e a leitura podem ser entendidas como formas simbólicas de viagem, permitindo ao escritor e ao leitor atravessar espaços físicos, culturais e imaginários.

Palavras-chave: literatura de viagens; narrativa; identidade; alteridade; escrita e leitura

Résumé

Le présent article propose une réflexion théorique sur la relation entre le voyage et la littérature, en mettant en évidence l'évolution historique du récit de voyage et son importance comme forme de représentation culturelle, historique et humaine. Depuis les récits médiévaux de pèlerinages et de découvertes maritimes jusqu'aux narrations contemporaines, le voyage apparaît comme une expérience de connaissance du monde et de découverte de soi. L'étude examine les différentes significations du concept de voyage — en tant que mot, activité et pratique littéraire — ainsi que son lien avec la construction de l'identité et de l'altérité. La réflexion porte également sur la question de la classification de la littérature de voyage comme genre ou sous-genre littéraire, en soulignant son caractère interdisciplinaire et pluriel. Enfin, l'article montre que l'écriture et la lecture peuvent être considérées comme des formes symboliques de voyage permettant à l'écrivain et au lecteur de traverser des espaces physiques, culturels et imaginaires.

Mots-clés : littérature de voyage ; récit ; identité ; altérité ; écriture et lecture

ملخص

يتناول هذا المقال تأملاً نظرياً حول العلاقة بين الرحلة والأدب، مع إبراز التطور التاريخي لأدب الرحلات وأهميته بوصفه شكلاً من أشكال التمثيل الثقافي والإنساني والتاريخي. فمنذ رحلات الحج والاكتشافات البحرية في العصور الوسطى وصولاً إلى السرديات المعاصرة، تُعدّ الرحلة تجربة لاكتشاف العالم واكتشاف الذات في الوقت نفسه. كما يدرس المقال المعاني المختلفة لمفهوم الرحلة باعتبارها كلمةً ونشاطاً وممارسةً أدبية، مع التركيز على ارتباطها بمفاهيم الهوية والغيرية. ويتناول

أيضاً إشكالية تصنيف أدب الرحلات بوصفه جنساً أدبياً أو جنساً فرعياً، مبرزاً طابعه المتعدد التخصصات والأبعاد. وفي الختام، يبيّن المقال أن الكتابة والقراءة تمثلان بدورهما شكلاً رمزياً من أشكال الرحلة، يتيح للكاتب والقارئ عبور الفضاءات المادية، الثقافية والمتخيلة

الكلمات المفتاحية: أدب الرحلات؛ السرد؛ الهوية؛ الغيرية الكتابة؛ القراءة.

Introdução

One definition that we can give of travel, accordingly, is that it is the negotiation between self and other that is brought about by movement in space. “Thompson 2011, p. 9”

Desde os seus primórdios, a literatura tem encontrado na viagem uma das suas imagens mais fecundas, quer enquanto experiência concreta de deslocação no espaço, quer enquanto metáfora do conhecimento, da transformação e da procura de sentido. Neste contexto, a literatura de viagens configura-se como um campo privilegiado para pensar as relações entre identidade e alteridade, uma vez que o encontro com o desconhecido implica, simultaneamente, uma descoberta do Outro e uma redefinição do Eu. O presente artigo propõe uma reflexão teórica sobre a relação entre viagem e literatura, procurando compreender de que modo a experiência da deslocação se converte em narrativa, representação e interpretação do mundo.

Partindo da análise de algumas das principais problemáticas associadas à literatura de viagens, pretende-se refletir sobre o papel da viagem como experiência humana e cultural, capaz de favorecer a construção identitária e o confronto com a alteridade. Paralelamente, discute-se o estatuto da literatura de viagens no âmbito dos estudos literários, questionando as perspetivas que a definem como género, subgénero ou forma discursiva híbrida. Por fim, aborda-se a escrita e a leitura enquanto experiências de viagem em si mesmas, entendidas como práticas de deslocação simbólica, descoberta e transformação.

Metodologicamente, este estudo assume a forma de uma reflexão teórica, crítica sustentada nos contributos de diversos especialistas da área da literatura de viagens, entre os quais se destacam Fernando Cristóvão, Maria Alzira Seixo, Hélène Lefebvre, Franck Michel entre outros. A partir do diálogo com estes autores, procura-se reunir diferentes perspetivas teóricas que permitam compreender a complexidade e a riqueza deste campo de investigação, situado na confluência entre literatura, cultura e experiência humana.

A viagem ocupa um lugar central na história da humanidade e da literatura porque representa, simultaneamente, uma experiência concreta e uma poderosa metáfora da existência humana. Desde as epopeias antigas até às narrativas contemporâneas, viajar significa ultrapassar limites físicos, culturais e simbólicos. A literatura apropriou-se dessa experiência para refletir sobre o conhecimento, a identidade, o tempo e a relação do ser humano com o mundo. Assim, a viagem tornou-se não apenas um tema literário recorrente, mas também uma estrutura fundamental de representação da experiência humana.

Os relatos de viagem constituem, no âmbito literário, documentos privilegiados para o conhecimento de novos espaços, costumes e culturas, oferecendo simultaneamente ao leitor um amplo campo de imaginação e de construção de novas representações do mundo. Ao longo da história, a viagem assumiu diferentes significados e funções, tanto no plano da experiência humana como no da criação literária.

Durante a Idade Média, as viagens eram motivadas sobretudo por razões religiosas, nomeadamente as peregrinações, particularmente relevantes no mundo árabe. Neste contexto, destaca-se a obra de Marco Polo, considerada uma das referências fundadoras da literatura de viagens. O seu livro, *As Viagens de Marco Polo*, também conhecido como *Livro das Maravilhas*, reúne relatos e descrições das suas experiências no Oriente, tornando-se um marco incontornável deste género literário.

Nos séculos XV e XVI, com as grandes expedições marítimas e as descobertas ultramarinas, multiplicaram-se os relatos de navegadores e exploradores. Estes textos desempenhavam diversas funções: eram simultaneamente históricos, descritivos, narrativos e informativos, despertando um grande interesse junto do público europeu. Mais tarde, diplomatas e missionários passaram igualmente a relatar as suas deslocações, frequentemente através de cartas de carácter formal, centradas na objetividade e na descrição factual, embora mantendo o sentido de aventura associado à experiência da viagem.

A narrativa de viagem pode, assim, ser entendida como o testemunho de uma realidade observada e vivida. Contudo, na contemporaneidade, este tipo de narrativa afastou-se progressivamente das motivações religiosas, exploratórias ou marítimas que marcaram os seus primórdios. O século XIX constitui, neste sentido, um momento de viragem, tanto ao nível dos conteúdos como das formas de escrita. Atualmente, a viagem está frequentemente associada ao lazer, ao turismo ou ao desenvolvimento pessoal, havendo inclusive viajantes que partem já com a intenção de transformar a experiência em escrita. Se outrora a escrita surgia como consequência da experiência vivida, hoje a própria escrita pode constituir-se como parte integrante da experiência da viagem.

A viagem pode, portanto, corresponder a uma necessidade, a um prazer, a uma fuga ou a uma forma de satisfação da curiosidade humana. Todavia, coloca-se uma questão essencial: poderá a narrativa de viagem ser considerada um género literário? Antes de abordar essa problemática, importa analisar os diferentes sentidos associados ao conceito de viagem.

a) A palavra “viagem”

A palavra “viagem” deriva do provençal *viatge* e do latim *viaticum*, designando tanto o ato de deslocação como as provisões destinadas ao percurso. Atualmente, o termo refere-se sobretudo à deslocação entre lugares distantes, geralmente através de um meio de transporte terrestre, marítimo ou aéreo.

Segundo Hélène Lefebvre, na obra *Le Voyage*, a viagem representa uma ruptura relativamente ao quotidiano, um afastamento temporário da normalidade. A autora demonstra que o conceito sofreu várias transformações ao longo dos séculos, adquirindo progressivamente significados mais amplos, incluindo dimensões metafóricas, filosóficas e existenciais.

Deste modo, a viagem tornou-se um tema recorrente em diversos géneros literários, assumindo uma importância central em muitas narrativas.

b) Viagem como atividade

Viajar implica procurar, descobrir e questionar. Desde os primórdios da humanidade, o ser humano desloca-se motivado pela curiosidade e pelo desejo de compreender o mundo. Atravessar fronteiras e explorar territórios desconhecidos corresponde não apenas à descoberta do outro, mas também à descoberta de si próprio.

A viagem possibilita, portanto, uma dupla experiência: permite conhecer outras culturas e simultaneamente refletir sobre a própria identidade. Contudo, a viagem possui igualmente uma estrutura delimitada — pressupõe partida e regresso, ida e volta — sendo precisamente nesse intervalo que ocorre a transformação do viajante.

c) Viagem e Literatura

A relação entre viagem e literatura estabelece-se através da ligação entre experiência e escrita. O viajante sente frequentemente a necessidade de registar aquilo que observou, descrevendo paisagens, culturas, costumes e impressões pessoais.

Na Idade Média, por exemplo, muitos viajantes não tinham inicialmente a intenção de produzir relatos literários. No entanto, perante o desconhecido, surgiu a necessidade de descrever e interpretar o mundo novo com que se confrontavam. A narrativa de viagem assume, assim, uma dimensão simultaneamente descritiva, memorialística e autobiográfica, sendo frequentemente escrita na primeira pessoa. Neste tipo de texto, o narrador desempenha uma tripla função: é simultaneamente autor, viajante e narrador.

Todavia, a simples presença do tema da viagem não basta para classificar um texto como narrativa de viagem. Conforme refere Hélène Lefebvre, a viagem pode constituir o núcleo central da narrativa ou apenas um pretexto para reflexões filosóficas, políticas ou existenciais. Em síntese, a narrativa de viagem caracteriza-se pela descrição de experiências vividas em espaços estrangeiros, frequentemente acompanhada de reflexões sobre a alteridade e o desconhecido.

1. Viagem, identidade e alteridade

Para além do significado literal da palavra e do próprio ato de viajar, existe uma dimensão mais complexa e multifacetada da viagem: a sua estreita ligação às questões da identidade e da alteridade. Embora à primeira vista possa parecer um conceito simples, a viagem constitui um espaço privilegiado de descoberta de si mesmo e do outro, portanto, importa destacar este aspeto que ultrapassa este simples significado da palavra ou do ato físico de viajar. A viagem revela múltiplas dimensões, entre as quais se destaca a sua profunda relação com a construção da identidade e com a experiência da alteridade.

A viagem é uma experiência profundamente associada à construção da identidade e ao encontro com a alteridade. Viajar implica sair do espaço familiar e confrontar-se com o desconhecido, processo que transforma não apenas a perceção do outro, mas também a compreensão que o sujeito possui de si mesmo. Neste sentido, a viagem não representa apenas deslocação geográfica; ela constitui igualmente um movimento simbólico de redefinição identitária.

Qualquer viagem leva o viajante a uma autodescoberta e à descoberta do outro e permite ao viajante perder-se para depois melhor se encontrar, da mesma forma que permite ao viajante olhar para o mundo com uma lente renovada. Podemos definir a viagem também como um pretexto para analisar a alteridade.

Um texto de viagem pode funcionar como um mediador no reconhecimento e na descoberta do outro, este permite que o viajante estude o homem na sua complexidade, diversidade e variabilidade, concomitantemente a esse processo, inicia-se o autoconhecimento.

Os indivíduos tendem a construir representações prévias da alteridade, sobre o que está “lá fora”, depois da viagem o viajante tem duas opções ou corrigir a ideia que tinha ou confirmá-la. Segundo o antropólogo Franck Michel, no livro *Désir d'Ailleurs* a viagem começa quando o viajante começa a duvidar de si e a considerar a viagem uma passagem para chegar ao outro através de si.

o viajante sempre desempenha o papel de quem traz o particular a partir do geral. Nas narrativas de viagens, o que é mais necessário para o escritor e para o leitor, é a abordagem de um lugar diferente do seu. Antes de mais então a viagem é considerada uma experiência para conhecer a história da humanidade ou, em outras palavras, as diferenças e as particularidades da humanidade, e será muito mais isso do que uma simples descoberta geográfica.

As narrativas de viagem oferecem uma diversidade aos olhares e julgamentos comumente desgastados por outros. Esta experiência serve tanto como um meio para observar o outro, como a si mesmo, como um espelho em que se reflete o outro que tanto nos pode lembrar o nosso próprio reflexo, como nos pode mostrar um lado muito diferente do nosso. Efetivamente, nestas narrativas o leitor nota uma dupla função do olhar do narrador, o olhar do outro e o olhar para si próprio, um olhar para analisar o outro como estranho e um outro olhar para se analisar e descobrir a si mesmo, este duplo olhar acaba por contaminar também o leitor.

O olhar de um indivíduo pode ser um olhar coletivo, na medida em que a narrativa oferece a perspectiva de uma comunidade. O narrador não é somente o “visitante, observador, viajante” que transmite esta imagem a quem observa, mas também o outro que é observado divulga uma imagem diferente de si, uma imagem que tanto pode ser favorável como desfavorável. Com efeito, observar e aceitar o outro é de certa forma duvidar de si mesmo, pois tudo o que vemos pode ser diferente de nós, seja nos costumes, seja na maneira de falar, de comer, ou no modo de viver em geral.

A viagem continua, portanto, a ser um meio de ver a diversidade humana, de conhecer simultaneamente a identidade e a alteridade. Transforma o viajante num observador, muito atento, presta mais atenção ao que o rodeia, principalmente aos pequenos detalhes. A diferença agita o desejo de conhecer mais; conhecer a língua, a cultura, o modo de pensar e de viver. Ver outro lugar e outras pessoas provoca no viajante a curiosidade, o que provoca o questionamento de si mesmo e da sua identidade. E no fim da aventura da viagem, seja o viajante “narrador” seja o leitor, terminam por aceitar a evidência da diferença.

Além disso, a viagem é principalmente um encontro humano, é o caminho que leva para conhecer a si mesmo, e para conhecer o outro como pessoa e lugar, descobrir a riqueza cultural e natural de um lugar e de um povo diferente e com essa descoberta, a viagem deixa de ser apenas um movimento ou uma deslocação no espaço. Nesta medida, podemos considerar a viagem como uma forma de viver e de sobreviver.

Viajar não permite só a conhecer a alteridade do outro, mas também a alteridade do viajante (o viajante procura a diferença, a variedade, a atração pela alteridade torna-se um motivo para conhecer o outro).

A alteridade não se limita ao encontro com culturas estrangeiras; ela pode manifestar-se também como experiência interior. Viajar frequentemente provoca deslocamentos psicológicos e emocionais que levam o sujeito a questionar certezas, hábitos, e identidades previamente estabilizadas. O espaço desconhecido funciona como espelho crítico capaz de revelar aspetos ocultos do próprio viajante. Por isso, numerosas narrativas de viagem apresentam a deslocação como processo de transformação pessoal.

Neste contexto, a alteridade — conceito derivado do latim *alter*, “o outro” — corresponde à compreensão da diferença. Conforme explica Clara Vitorino, a alteridade depende sempre de um ponto de referência e implica uma projeção do “eu” sobre o “outro”, frequentemente influenciada por estereótipos culturais; “um conceito relativo que necessita de um ponto de referência preciso: de que ou de quem é que se distingue” (VITORINO, 1997: 52) e também que “obedece a uma projeção do ‘eu’ sobre o ‘outro’ baseada em estereótipos, fazendo no fundo parte de uma ideologia: a imagem do outro é uma das formas de pensar o real.” (VITORINO, 1997: 61).

Assim, a viagem permite reconhecer a diversidade humana e questionar as próprias certezas. O viajante transforma-se num observador atento, sensível às diferenças linguísticas, culturais

e sociais. Ao mesmo tempo, o contacto com o outro desperta a consciência da própria identidade. De acordo com Franck Michel, é necessário deixar de lado os nossos próprios costumes para melhor conhecer os dos outros, isso não quer dizer esquecê-los definitivamente ou apagá-los, ao contrário, cada cultura representa a própria identidade do indivíduo.

2. Literatura de viagem: tópico, género ou subgénero?

A literatura de viagens não é algo novo, é um dos tipos de texto mais antigos, este género de narrativas foi durante vários séculos um meio e uma porta para conhecer e aceder ao que de novo havia no mundo.

Uma narrativa de viagem é antes de mais um ato de observação, em que o observador pode ser um escritor, um médico ou um professor – não importa a profissão – a descrição será sempre diferente de uma pessoa para outra, cada um transmite de um modo próprio, dependendo da sua perspetiva: algo exótico para um, pode parecer normal para outro. De igual modo, a maneira de escrever é única.

Qualquer viagem é acompanhada por um relato ou por uma descrição, contudo, permanece em aberto a questão da sua classificação: será que o texto resultante dessa transmissão é ou faz parte de um género literário ou apenas subgénero?

Um dos argumentos que funciona tanto a favor como contra o estatuto de género é precisamente a diversidade de tipos de texto em que pode ser registada. Uma narrativa de viagem não conhece apenas uma única forma, pode ser escrita como memória, romance, correspondência, diário etc. e muitas vezes é construída com um pouco de tudo o que aconteceu no processo viandante, ou seja, é um relato da experiência que une num só registo o carácter histórico, geográfico, sociológico, mítico, cultural, etc..

Entre viagem e literatura temos uma certa harmonia, pois qualquer literatura é uma viagem: a viagem do escritor primeiro com as suas palavras e com a sua imaginação, e a viagem também do leitor através do que está a ler.

Na introdução do livro *Condicionantes culturais da literatura de viagens* (2002), Fernando Cristóvão afirma que os textos que pertencem à literatura de viagem têm uma presença do tema da viagem diferente, é um tema autónomo, o texto da viagem é um texto distinto de outros temas. De facto, não é só a presença da viagem num texto que o vai classificar como literatura da viagem, não é uma condição para pertencer a este tipo de literatura. Podemos encontrar textos onde os autores se referem ao tema da viagem, a uma viagem em concreto ou a qualquer coisa que tenha relação com a viagem, mas este tema não é fundamental nestes textos, ou seja, o que nos parece que Fernando Cristóvão quer dizer é que, por um lado, temos uma literatura de viagem e, por outro, temos a viagem na literatura. Podem ter algo em comum como podem não ter nada. A viagem na literatura pode ter uma presença num texto histórico, policial, ou

qualquer género literário, mas a literatura de viagem tem a viagem como tema principal, está sempre presente também de uma forma diferente, isto é tem uma existência autónoma.

(...) Até porque, com a literatura de viagens tem convivido, permanentemente, o tema da “Viagem na Literatura” dando ocasião a múltiplas confusões e ambiguidades (...) Literatura de viagens não se distingue de viagem na literatura só pela diferença de estatuto genológico, mas também pelo seu relacionamento com o referente. (CRISTÓVÃO, 1999: 15).

Segundo Cristóvão, a literatura de viagem é considerada um subgénero mais do que género literário, facto recente reconhecido e debatido.

(...) Subgénero literário, portanto, com individualidade semelhante à de outros subgéneros de estatuto reconhecido, como o pastoril, histórico, o policial etc. (...) Foi tardio e é relativamente recente o reconhecimento do subgénero literatura de viagens devido, sobretudo, à sua natureza compósita e interdisciplinar de textos cruzados pela Literatura, História e Antropologia. (CRISTÓVÃO, 1999: 15-16).

De acordo com o autor, a literatura de viagens é um subgénero que mistura textos de várias naturezas como a história e a antropologia, onde todos esses componentes se misturam para construir uma narrativa e enfim para contar os acontecimentos de uma viagem. Um dos obstáculos à concordância na classificação da literatura de viagens terá sido precisamente essa interdisciplinaridade.

Outros estudiosos não concordam com a classificação como género, subgénero ou apenas tópico literário, muitas vezes a narrativa de viagem é sumariamente reportada a um subgénero da autobiografia. Por sua vez, Maria Alzira Seixo sistematiza a questão dizendo-nos que “A poética da viagem ocupa, como é sabido, territórios vários suscetíveis de agrupamento em três grandes zonas: a da viagem imaginária (...), e a da viagem na literatura.” (SEIXO, 1998: 17). Concluindo, apesar de tudo, que esta é uma questão complexa principalmente no que se refere ao segundo grupo (literatura de viagens) em que muitas vezes há dificuldade em sequer admitir estes textos como literários.

A crítica unifica-se sobretudo em torno da ambiguidade da questão, há mesmo quem considere um género indefinível, como surgiu no livro de Marie Christine Pioffet, talvez por ser um género multifacetado poderá assumir várias formas e, logo, manifestar-se em vários géneros.

Le récit de voyage passe pour un genre indéfinissable, oscillant entre le compte rendu d'une aventure, l'inventaire des particularités locales et le commentaire qui médiatise ou interprète la diversité. La narration d'un séjour en pays étranger se ramifie à vrai dire en plusieurs sous-genres qu'il est difficile de regrouper, si ce n'est par des traits liés à son contenu, au déplacement dans l'espace et à l'engagement plus ou moins marqué du sujet qui rapporte les événements (PIOFFET, 2008: resumo).

Estabelecer uma definição de narrativa da viagem, ou identificá-la de entre um corpus literário foi e será sempre uma tarefa difícil. Claude Reichler (1946), professor na universidade de Lausanne, dedicou uma grande parte do seu trabalho científico a falar sobre a narrativa de viagem ('*récits de voyage*') e no seu estudo constatou que tentar classificar a literatura de viagem é uma tarefa que pode falhar.

Um texto cujo conteúdo se debruce sobre a viagem pode pertencer facilmente tanto ao género da autobiografia como ao histórico, no fundo cada leitor pode fazer a sua própria interpretação que decerto resultará diferente da intenção original do escritor.

Outra das características dos textos desta natureza, é que pode misturar diferentes discursos e focar vários temas. A literatura de viagem existe com as suas particularidades e a sua diversidade temática. Diferentemente de género mais estabilizados; como o romance ou a poesia lírica, a escrita da viagem caracteriza-se por uma natureza híbrida, incorporando elementos autobiográficos, descritivos, históricos e ensaísticos.

No prefácio do livro *Roman et récit de voyage*, Philippe Antoine veio confirmar que:

Il faut redire, en bonne méthode, qu'un trait de contenu ne peut à lui Seul définir un genre, lequel est d'ailleurs (presque) toujours un ensemble flou, et un système en constante évolution. Mais les choses sont plus ardues encor si l'on se tourne du côté de la mise en texte de l'expérience viatique. Prose, vers, prosimètre ; lettre, journal, récit, écriture à la première ou à la troisième personne... le Voyage paraît décidément insaisissable, puisqu'il se décline à tous les cas, puisqu'il revendique tour à tour son appartenance à tel ou tel genre connexe, comme par exemple l'histoire ou l'autobiographie. (ANTOINE, 2001: 5)

A literatura de viagem pode ser entendida como uma forma literária fronteira, cuja principal característica é precisamente a flexibilidade estrutural. Em vez de procurar enquadrá-la rigidamente como género ou subgénero, podemos reconhecê-la como um campo híbrido da escrita, definido pela representação da deslocação e pela interpretação cultural do espaço. A escrita da viagem ocupa um espaço liminar na literatura, onde experiência, representação e imaginação se cruzam continuamente.

A diversidade dos motivos do viajante, ou a diversidade dos motivos da escrita dum texto ou dum diário de viagem, não quer dizer que não constituem um género literário, é razoável concluir que esses tipos de textos apesar de serem diferentes nas características, no estilo e no motivo da escrita pertencem a um mesmo género ou subgénero, a literatura de viagem.

Género ou subgénero ou até pode ser um género multifacetado, o mais importante aqui é que a escrita e leitura podem ser classificadas como viagem. Apesar dessas ambiguidades, a literatura de viagens possui características próprias que justificam o seu reconhecimento enquanto categoria literária específica. A viagem constitui simultaneamente experiência, tema e estrutura narrativa.

3. Escrita, Leitura e viagem

A escrita em si é uma viagem e os escritores viajantes são vários, há os que escrevem sem viajar e os que viajam sem escrever, e os que reúnem as duas atividades. Os escritores que escrevem sobre viagens sem efetivamente viajar são pessoas que têm a capacidade de imaginar e de trazer para a escrita o resultado desse exercício. Os viajantes que viajam e escrevem ao mesmo tempo, por sua vez, são os mais concretos no processo de comunicação, uma vez que ao relatar as suas jornadas em “tempo real”, sejam escritores ou não, na maior parte das vezes transmitem não só o que estão a ver, mas também as suas emoções perante aquilo que estão a ver.

Através da narração, o escritor regressa de novo ao lugar onde estava, viaja tanto com a memória como com as letras. Na verdade, não é apenas escritor que viaja com a sua memória ou com a sua imaginação, mas é também o leitor, por sua vez, que viaja por meio da leitura, utilizando a sua imaginação para reconstruir o lugar ou as descrições do escritor, sentindo assim que está a viver uma experiência semelhante. Apesar de leitor e escritor serem provavelmente duas pessoas distantes e diferentes, estão a viver a mesma experiência de viagem, um está a vivê-la através da sua escrita e o outro está a vivê-la através da sua leitura, assim sendo pode dizer-se que a leitura é também uma espécie de aventura/viagem imaginária para o leitor. No entanto, essa partilha só é possível se o escritor conseguir impregnar a sua escrita dos sinais e dos sentidos que captou durante a sua experiência, terá de haver até, julgamos, uma intenção primeira de querer contar a história do que viu, de não querer de modo nenhum guardar só para si. Se assim for, o escritor realizará o propósito primacial da literatura de viagens que é transportar o leitor consigo, mas desta vez sem sair do lugar, apenas através do folhear das páginas.

Segundo Marcel Proust (1913-1927); a verdadeira viagem não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novo olhos, esta ideia exprime de forma clara a dimensão transformadora da leitura e da escrita: viajar não é apenas deslocar-se no espaço, mas modificar a perceção da realidade. A literatura torna-se, assim um instrumento de renovação do olhar.

Com efeito, ler um livro é partir para um outro mundo, a leitura pode ser uma espécie de caminhada imóvel, através da qual o leitor reconhece lugares e cidades que nunca viu antes, somente pela lente do escritor. Este processo de leitura, exige movimento interpretativo, semelhante ao processo dum viajante diante de territórios desconhecidos. Ler implica entrar num espaço simbólico onde o sujeito abandona temporariamente a sua realidade imediata para habitar outras experiências, culturas e temporalidades.

A viagem do leitor não se limita apenas à imaginação do lugar, mas também viaja no tempo. O lugar onde se passa a ação no livro ignora o lugar onde o leitor está realmente, o que conduz a substituir um por outro, pois o lugar do texto é o lugar privilegiado.

A leitura e a escrita foram classificadas como uma viagem pela escritora francesa Christine Montalbetti (1965), partindo da premissa que o texto seria concebido como um “espaço” no

seu livro *Le Voyage, le monde et la bibliothèque*: “Si je dis le texte comme un espace, l’écriture et la lecture comme des voyages”. (MONTALBETTI, 1997: 111) A escrita é considerada como um transporte através do qual o leitor ‘viajante’ anda de um lugar para outro, com a orientação do autor ¹. Contudo, o texto pode ser concebido como um espaço, e a leitura e a escrita como formas de deslocação simbólica.

Considerar a escrita e leitura como formas de viagem significa reconhecer o poder transformador da literatura. O texto literário cria movimentos simbólicos entre sujeitos, culturas e imaginários, permitindo que leitores e escritores atravessam limites físicos e mentais. Viajar através da literatura é, em última instância, explorar possibilidades de existência e modos e alternativos de compreender a realidade.

A escrita pode ser entendida como uma forma de viagem. O escritor viaja através da memória e da imaginação, enquanto o leitor percorre espaços desconhecidos por intermédio da leitura. Conclui-se, portanto, que viagem e literatura mantêm uma relação profundamente interdependente. Viajar conduz à escrita, e a escrita permite viajar. Ambas constituem formas de descoberta do mundo, do outro e de si mesmo.²

A viagem pode ser entendida como metáfora da própria condição humana. A vida é frequentemente representada como um percurso marcado por encontros, mudanças e experiência de transição. Esta associação aparece em diferentes tradições filosóficas e literárias, nas quais o ser humano é concebido como alguém em constante movimento e transformação. Viajar significa, nesse sentido, experimentar a impermanência e reconhecer a complexidade do mundo.

Na contemporaneidade, a relação entre viagem e literatura continua relevante, embora marcada por problemáticas. A globalização, a migração e a mobilidade cultural modificaram profundamente as formas de deslocação e de representação do espaço. Muitos escritores contemporâneos exploram a viagem não apenas como descoberta exótica, mas como experiência de desenraizamento, memória e procura identitária. A literatura continua, assim, a utilizar a viagem como instrumento privilegiado para pensar as relações entre sujeito, cultura e espaço.

Dessa forma, a viagem pode ser compreendida simultaneamente como experiência humana e construção literária. Ela representa o desejo de conhecer, de atravessar fronteiras e de transformar a própria visão do mundo. Na literatura, viajar é mais do que deslocar-se: é interpretar a realidade, confrontar a diferença e procurar sentido para a experiência humana.

¹ Cf. Christiane Montalbetti, *Le Voyage, le monde et la bibliothèque*, Paris, Presses Universitaires de France, 1997.

² Seguimos de perto a reflexão sobre a literatura da viagem feita anteriormente na tese de Mestrado (BELCADI, Meryem, *O tema da viagem no romance Terra Sonâmbula de Mia Couto*, FLUL, 2016), atualizando-a e fazendo adaptações necessárias.

Conclusão

Em síntese, a reflexão desenvolvida ao longo deste artigo permitiu evidenciar que a viagem constitui uma das experiências mais significativas da condição humana, ultrapassando a simples ideia de deslocação geográfica ou de atividade recreativa. Desde os primeiros relatos de peregrinos, exploradores e navegadores até às formas contemporâneas de narrativa, a viagem tem sido um instrumento privilegiado de observação, interpretação e compreensão do mundo, revelando-se simultaneamente um processo de descoberta do Outro e de construção do Eu.

A análise da literatura de viagens demonstra igualmente a riqueza e a complexidade de um campo que resiste a classificações rígidas. O seu caráter híbrido, interdisciplinar e multifacetado torna difícil a sua delimitação enquanto gênero ou subgênero literário, uma vez que incorpora elementos históricos, culturais, autobiográficos, ficcionais e ensaísticos. Contudo, é precisamente essa capacidade de dialogar com diferentes formas de escrita que constitui uma das suas maiores potencialidades.

Por outro lado, a consideração da escrita e da leitura como formas simbólicas de viagem permite ampliar a compreensão deste conceito para além da experiência física. Escrever implica percorrer caminhos de memória, imaginação e reflexão; ler significa atravessar fronteiras espaciais, temporais e culturais, encontrando novos modos de ver e interpretar a realidade. Neste sentido, a viagem revela-se uma dimensão intrínseca do próprio fenómeno literário.

Como observa Carl Thompson, a literatura de viagens constitui "a constellation of many different types of writing and/or text", o que evidencia a sua natureza aberta e transversal. Longe de poder ser confinada a um gênero específico, ela manifesta-se como uma dimensão presente em diversas formas de escrita, reafirmando a ideia de que toda a literatura implica algum tipo de deslocação, descoberta ou travessia

Assim, somos levados a considerar que a literatura de viagens não deve ser entendida apenas como um gênero específico entre outros, mas como uma dimensão transversal que atravessa toda a literatura. De uma forma ou de outra, toda a obra literária pressupõe uma deslocação — do sujeito, da consciência, da linguagem ou da imaginação. Por essa razão, mais do que ocupar um lugar periférico no sistema dos gêneros literários, a literatura de viagens parece constituir um dos seus fundamentos mais profundos, manifestando-se sob múltiplas formas e integrando-se, direta ou indiretamente, em todos os gêneros. Afinal, toda a escrita é uma partida e toda a leitura uma travessia, fazendo da literatura uma permanente experiência de viagem.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV (1997). *Literatura de Viagem: Narrativa, História, Mito*. Lisboa: Cosmos.
- AAVV (1998). *Les Récits de Voyages: Typologie, Historicité*. Lisboa: Cosmos.
- AAVV (2009). *Transversalidades: Viagens, Literatura, Cinema*. Braga: Universidade do Minho.
- ANTOINE, Philippe (2000). *Roman et récit de voyage*. Paris: Presses de l'Université Paris-Sorbonne.
- BOURGUINAT, Nicolas (2008). *Le voyage au féminin: Perspectives historiques et littéraires (XVIIIe-XXe siècles)*. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg.
- CRISTÓVÃO, Fernando (1999). *Condicionantes culturais da literatura de viagens: Estudos e bibliografias*. Lisboa: Cosmos.
- CRISTÓVÃO, Fernando (Coord.) (2002) *Condicionantes culturais da literatura de viagens: Estudos e bibliografias*. Coimbra: Almedina/Centro de Literatura de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa/FCT.
- CRISTÓVÃO, Fernando (Coord.) (2003). *O olhar do viajante: Dos navegadores aos exploradores*. Coimbra: Almedina/Centro de Literatura de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa/FCT.
- CRISTÓVÃO, Fernando (Coord.) (2009). *Literatura de viagens: Da tradicional à nova e à novíssima – Marcas e temas*. Coimbra: Almedina/Centro de Literatura de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa/FCT.
- JÚDICE, Nuno (1997). «A viagem entre o real e o maravilhoso». In FALCÃO, Ana Margarida et al. (org.), *Literatura de Viagem: Narrativa, História e Mito*. Lisboa: Cosmos.
- LEFEBVRE, Hélène (1989). *Le Voyage*. Paris: Bordas.
- MICHEL, Franck (2004). *Désirs d'ailleurs: Essai d'anthropologie des voyages*. Québec: Presses de l'Université Laval.
- MONTALBETTI, Christine (1997). *Le voyage, le monde et la bibliothèque*. Paris: Presses Universitaires de France.
- MOUREAU, François (1986). *Littératures de voyage I: Métamorphoses du récit de voyage*. Paris/Genève: Slatkine.
- PIOFFET, Marie-Christine; MOTSCH, Andreas (dir.) (2008). *Écrire des récits de voyage (XVe-XVIIIe siècles): Esquisse d'une poétique en gestation*. Québec: Presses de l'Université Laval.
- PROUST, Marcel (1913-1927). *À la recherche du temps perdu*. Paris: Gallimard.

SEIXO, Maria Alzira (1998). *Poéticas da Viagem na Literatura*. Lisboa: Cosmos.

SEIXO, Maria Alzira (2000). *Le sens du voyage dans l'écriture romanesque*. Atenas: Kentro Neollenikon Ereynon.

THOMPSON, Carl (2011). *Travel Writing*. London: Routledge.

THOMPSON, Carl (ed.) (2016). *The Routledge Companion to Travel Writing*. London/New York: Routledge.

URBAIN, Jean-Didier (1991). *L'idiot du voyage*. Paris: Plon.

VITORINO, Clara (1997). «Caminha e Colombo: duas visões do mundo americano». In FALCÃO, Ana Margarida et al. (org.), *Literatura de Viagem: Narrativa, História e Mito*. Lisboa: Cosmos.